



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANANILSON DE SOUZA**

**(MESTRE MONSUETO)**

**(depoimento)**

**2011**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-255

**Entrevistado:** Ananilson de Souza (Mestre Monsueto)

**Nascimento:** 09/11/1951

**Local da entrevista:** Viamão – RS

**Entrevistador/a:** Ederson Dornelles

**Data da entrevista:** 07/11/2011

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque e Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 10 minutos e 40 segundos

**Páginas Digitadas:** Dezenove

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início do entrevistado na capoeira e os grupos que participou; Academias que atuou ao mudar-se para o Rio Grande do Sul; Roda de capoeira, local, alunos; Gravação de músicas de capoeira; Como se tornou mestre; Como obteve reconhecimento nas rodas de capoeira; Capoeiristas que tinham no Rio Grande do Sul quando chegou; As primeiras rodas de capoeira em Porto Alegre; A inserção de profissional de capoeira em projetos sociais; Diferentes hábitos, costumes e alimentação que encontrou durante sua trajetória; Etnias que vieram para o Brasil; Trajetória do entrevistado na capoeira; As classes que iniciaram a capoeira no estado do Rio Grande do Sul; Núcleo do grupo Casa Grande em Viamão; Fatos que marcaram a sua trajetória.

Viamão, 07 de novembro de 2011. Entrevista com o Mestre Monsueto a cargo do pesquisador Ederson Dornelles para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

E.D. – Então mestre, conte-nos um pouco sobre a sua história de vida e como o senhor iniciou na capoeira?

M.M. – Eu iniciei na capoeira aos 14 anos de idade, no Rio de Janeiro, num grupo chamado Império da Tijuca. Meu mestre chamava José Maria da Silva, conhecido no Rio até hoje como Zé Maria... Eu hoje posso dizer que sou [PALAVRA INAUDÍVEL]de Besouro Preto<sup>1</sup>, pois o nosso grupo vem durante anos levando o nome dele... Com provas concretas... A partir do meu mestre e do mestre do meu mestre, nós temos todas as declarações possíveis e imagináveis... Saí do Rio de Janeiro, local onde eu nasci; nasci em Vila Isabel e fui morar na Tijuca onde comecei meu treinamento de capoeira numa sede da Associação que era do Império da Tijuca, uma escola de samba... O Império da Tijuca, devido a que na floresta da Tijuca ter a casa de Dom Pedro, lá no alto da Boa Vista um local turístico, e muito próximo onde eu estudava, na casa Luiza de Marillac uma escola de freira que era a fazenda de Dom Pedro... A casa dele era muito grande, depois foi tombado pelo Patrimônio Público e foi doado para a instituição de freiras de Luiza de Marillac... Aos 19 anos eu me mudei para Curitiba devido ao falecimento de minha mãe... E meu mestre me mandou pra lá apesar que nós já tínhamos lá, um contramento do grupo que era o curitibano Carlos Euclides Tomé de Souza<sup>2</sup>, que não existe muito relato dele por ele ter sido muito jovem; porém eu te digo, que ele é o pioneiro com a capoeira no Curitiba. Eu indo para lá comecei a dar aula no Diretório Vitor do Amaral, que é o Diretório de Medicina Católica. Ele parou de dar aula e eu fui dar aula no lugar dele na Rua Emiliano Pernetá. Nesse ínterim, decidi ir para uma cidade grande, tal qual Porto Alegre, e me acabei me deparando com o Mestre Sergipe<sup>3</sup>, um goleiro que naquela época usava uma faixa preta de veludo com duas bandeiras do Brasil fazendo movimentos de

---

<sup>1</sup> Besouro Preto, ou Besouro Cordão de Ouro, vulgo de Manoel Henrique Pereira, lendário capoeirista baiano, nascido em Santo Amaro, Bahia, no ano de 1885. Mitificado como um dos maiores capoeiras da história.

<sup>2</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>3</sup> Nome sujeito à confirmação.

capoeira, movimentos bonitos e acabamos entrando em choque, porque a capoeira para muitos é aquela dança, e para outros ela é a luta dos lutadores. É a luta dos lutadores porque senão ela não seria usada como uma defesa para o negro que fugiu para os Quilombos. Quilombos esse, que essa luta durou mais de 100 anos e o governo até hoje trata como uma banalidade ao invés de tratar como a guerra dos Farrapos... É a guerra dos Farrapos que não durou 100 anos... E essa movimentação do negro brigar pela liberdade, antes de qualquer Decreto Lei ser assinado, durou 100 anos. Na Serra da Barriga, em Sergipe até a Bahia, que foram três estados, se isso não é guerra, então, só é guerra a que eu conheço, a do Rio de Janeiro atualmente, essa guerra humana. Então ela é luta, o princípio da capoeira é a defesa porque quando ele tinha que fugir ele era covardemente açoitado ou atiravam nele e tinha que rolar pelo chão, e quando ele contra-atacava, ele teria que contra-atacar com violência para poder continuar sua fuga empreendendo para o mato para conseguir ficar nos Quilombos. Aqui no Sul existem muitos Quilombos, mas devido aos negros que vieram para Rio Grande que eram negros de outras localidades da África e pela colonização na região sul do Brasil ser mais leve os negros não passaram pelo... Passaram no Rio e na Bahia, porque lá a guerra de quem podia mais era diferente daqui; aqui já eram grandes fazendeiros, latifundiários suíços já tomaram conta, então, os negros eram mais submissos... Até eram melhores tratados, mas eram escravos. Então, capoeira é luta; a terminologia capoeira dança nasceu quando incorporaram o berimbau Na capoeira que... Você vai ver que existe um grupo de pessoas de um lado e a figura de um tocador de berimbau em outro lado, ou seja, uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Segundo estudiosos, os tocadores de berimbau eram pedintes, não tinha nada a ver com capoeira. Não sei quem que decidiu pegar um desses pedintes e colocar junto com o atabaque, com o pandeiro e colocaram essa parte musical na capoeira para assim dar uma conotação de samba, de dança, como já existia uma dança que era muito... Que se assemelha a capoeira na qual o negro fica meio que batendo com os pés no chão e depois passa um movimento rápido de perna e o outro se esquiva rapidamente e não a perna pega. Eles introduziram essa parte da musicalidade, aí hoje, a capoeira é dança, mas a capoeira nunca foi dança. Capoeira foi uma luta criada na ânsia de liberdade, ela esconde a violência através da musicalidade. Eu sempre repito: se um boxe faz uma sombra quando ele cruza, dá um soco, chamado cruzado e o outro faz o pêndulo e esquiva, isso é um condicionamento físico de reflexo; você condiciona o seu corpo quando vem aquele movimento, você se esquiva e volta rapidamente para contra golpear. Assim é a capoeira, o treinamento da

capoeira, enquanto um passa a perna o outro desvia, voltando rapidamente; agora se o outro for leigo, ele não vai saber se abaixar e vai levar um pontapé. Então isso não é dança! Mas eu estou mandando a minha vida para o Sul... Chegando lá em Sergipe tivemos nossos entreveros como diz o gaúcho... Mas passaram-se anos e nós um dia resolvemos nos unir e nós fundamos o CPC, Centro Paranaense de Capoeira, no qual eu idealizei a benção de Mestre Paulão<sup>4</sup> e Mão de Luiz Américo Garcino<sup>5</sup>, que era nossa logomarca de mentirinha. E nós trabalhamos juntos durante esses anos todos, lá nós tínhamos alunos como o Edson Cerqueira Frias, eu chamo ele, particularmente de Zezinho; o Israel Pires, o qual eu batizei de Ferro Velho; o Piton, o Mestre Pernambuco, esses todos foram alunos nossos, do CPC. Por cargas d'água eles acham que é melhor emitir nosso nome na história, para formar sua própria história pensando que nós talvez fossemos fazer isso muito rápido, ou fosse... Ou eles fossem para outro lugar. Enfim, só Deus sabe o que passa na cabeça de cada um, mas só afirmar que nós temos provas, nós temos fotos, nós somos pessoas tão vivas que o tempo pode comprovar isso que eles se esquecem de que existem testemunhas dos fatos. Em 1984, Mestre Paulão e o [TRECHO INAUDÍVEL] estiveram em Curitiba conversando comigo. Eu dava aula na Galeria Hits, que eu também sou profissional das artes marciais, do caratê, eu sou profissional de Caratê<sup>6</sup>. E me perguntaram se havia algum local que poderiam encaixar um aluno deles, chamado Burguês<sup>7</sup>, que sinceramente eu não tinha um posicionamento e nem sabia quem era, apesar de eu viajar por todas as rodas do Rio de Janeiro, como a roda de José Pedro, de Mentirinha, roda do Falecido Corvão<sup>8</sup>, roda do Penha, nunca... E Mestre Burguês me foi apresentado, não conhecia nem a capoeira bem, quanto mais eu. Eu falei sim, [PALAVRA INAUDÍVEL] afinal era um carioca, apesar de certidão de nascimento, mas para um umbigo muito pequeno, para o bico, que haveria sim... Naquela época eu estava fechando um contrato para vir para o Estado do Rio Grande do Sul, e ele poderia ficar no meu lugar dando aula, e isso foi feito. Eu vim para a Academia chamada Kidocan, na Rua Duque de Caxias e o Mestre Burguês ficou na Galeria Hits dando aula.

E.D. – Isso em que ano?

---

<sup>4</sup> Paulo Sérgio da Silva.

<sup>5</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>6</sup> Mestre Monsueto é terceiro Dan em Caratê

<sup>7</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>8</sup> Nome sujeito à confirmação.

M.M. – Em 1984... Eu estou dormindo! [riso]. Repetindo, houve um erro de anos, só dez anos: foi em 1974 [riso]. Ao chegar aqui, eu não dava aula de capoeira, eu fiquei só de caratê, eu fiquei seis meses dando aula de caratê, o meu contato era para dar aula de caratê. Só que um belo dia, o Zé Petrucha Alegre<sup>9</sup>, na qual tinha uma Academia na rua Duque de Caxias, uma outra na... Não, na Protásio Alves... Daqui a pouco eu me lembro o nome... Tinha academia lá, tinha outra em Caxias do Sul<sup>10</sup> no qual também sou pioneiro porque fiquei lá dando aula, e uma outra em Pelotas<sup>11</sup>, então era a empresa...

E.D. - O nome da rua, o senhor lembra?

M.M. – Independência. A Rua Independência... Mais uma academia que foi criada, eram quatro academias naquela localidade, e eu dava aula nessa matriz. Seis meses depois entro em uma salinha de menor dimensões, com um aparelho de som, na época era um vídeo cassete, escutando uma gravação de Mestre Bimba, e ele me olhando pelo espelho, perguntou para mim: “Você já jogou Mestre? Capoeira?”. Eu disse: “Cara, pela Confederação Brasileira de Pugilismo”. “Eu procurando Mestre de Capoeira e você aqui no meu clã?”. “Mas você nunca perguntou! Você me contratou como profissional de caratê, um professor de caratê” Daí para adiante comecei dar aulas de capoeiras, terça, quinta e sábado, e caratê na segunda, quarta e sexta. E assim, permaneceu por dois anos e eu tive a graça e satisfação de ter como alunos, meus primeiros alunos: Anselmo Ancusca, o MestreRatinho, Percy<sup>12</sup>, o Nino Alves<sup>13</sup>, esses foram assim... Que vieram... Não o Nino, mas o Percy, Ratinho vieram da ACM<sup>14</sup> onde existia uma pessoa que lá que iludia eles. Na realidade não ensinava capoeira, mas a ginga era totalmente diferente; não existia capoeira, tanto é que o batizado deles foi ter baianas e candomblé junto; uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Se fosse assim tudo que é era japonês era pra bem dizer zen budista, e todos que fossem das artes marciais, do Judô, do Jiu-Jitsu, do Caratê, seriam praticantes de [PALAVRA INAUDÍVEL]... Esse homem chamava-se Vadinho<sup>15</sup>, quando

---

<sup>9</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>10</sup> Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

<sup>11</sup> Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>13</sup> Lindomar Amaral Alves.

<sup>14</sup> Associação Cristã de Moços.

<sup>15</sup> Nome sujeito à confirmação.

eu fui conversar com ele, ele me convidou se eu, sendo um Obá, um Ogam dos Candomblés, [TRECHO INAUDÍVEL]... Existe umas outras histórias falando em Churrasquinho, mas Churrasquinho nunca foi capoeirista; ele ia nas minhas rodas, até tem escrito por ele mesmo no livro, depoimento dele, que ele ia para as minhas rodas, na Redenção<sup>16</sup>, ou no Parque da Marinha do Brasil... Ele narra um fato pitoresco, que ele fazia uma imitação gozada com outro da [PALAVRA INAUDÍVEL] todos indo para a roda e eu botei um corno nele; e botei ele para correr, para não jogar capoeira na roda, isso dito por ele. Então, não sou eu que estou falando, ele que falou na revista do Primeiro Fórum Gaúcho, você tem como referência na sua mão, está aqui, você mesmo falou... E nós ficamos peleando durante esses anos todos, eu fui para Canoas, também dei aula em Canoas, lá que tinha uma música mais Macaô<sup>17</sup>, que já começo a ensinar outros que nem o Alemão<sup>18</sup>, que nem o Patacho<sup>19</sup>... É fui para Caxias do Sul, em Caxias eu não aguentei muito frio; carioca no frio não dá certo, mas fiquei seis meses lá andando na Serra, subindo a Serra e descendo a Serra terça, e quinta. Enfim, nós tivemos alguns lugares que nós plantamos a capoeira e levamos a capoeira, nesse ínterim veio o Paulinho, que era aluno meu e do Sergipe e com a minha saída ele passou para o grupo Barra Ventos. Se adaptou ao estilo do Mestre Burguês, e abandonou o Sergipe. Mestre Paulinho<sup>20</sup> ressaltou, que para mim foi umas das pessoas, que... Ele não era técnico, mas era um dos melhores lutadores que eu já conheci, tanto é que aqui quando ele era fora das ruas, foi sozinho na Academia de Manoel dos Reis Machado, e lá fez um jogo de troca muito interessando, presenciaram somente os alunos do Manoel Rei Machado... E nós depois, viemos a saber, que a coisa ficou meio embaçada para ambos, então, com o Mestre e para o Mato-grossense que era o Paulinho, a coisa ficou meio, [PALAVRA INAUDÍVEL] não vou ficar abrindo isso aí, porque o pessoal precisava conhecer o Paulinho melhor. Paulinho não era uma pessoa, como eu posso te dizer... Era muito educado, chegou a fazer o terceiro ano de faculdade, mas não era uma pessoa de muita conversa; um estilo mato-grossense de olhar por baixo, de não levar desaforo para casa, homem de meia palavra, como aquele garoto que mora no interior, acostumado na doma do gado. Ele era aquele estilinho assim, vamos dizer xucro, um gaudério com todas as boiadeiras do Matogrosso; se ele cismasse com um

---

<sup>16</sup> Referência ao Parque Farroupilha, em Porto Alegre.

<sup>17</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>18</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>19</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação.



indivíduo que era capoeira, ele vinha... Tinha que ter sangue nas veias para poder encarar ele, ele abria vento mesmo e jogava duro e pesado [RISO], não era para mandar ele embora para casa, não era com três conversas, nem qualquer um...

E.D. – Você falou que ele foi na academia Mestre Manuel de Luiz Machado, é o Mestre Bimba?

M.M. – É. Mestre Índio<sup>21</sup>. Mestre Índio e eu, nós temos uma passagem meio estranha; estranha porque quando eu conheci, ele foi lá na Citocam<sup>22</sup> me pedir um favor, ele... Aquele dia já que há dez anos e a primeira vez que ele me viu, foi me pedir um favor. Para eu gravar para ele alguma música de capoeira, porque ele estava se apresentando naquela época no Dragão Verde, uma boate, a mais cara que nós temos dentro do centro de Porto Alegre... Primeiro, inicialmente, e ele fazia isso tudo sozinho, de capoeira, então, ele era um homem show. E eu gravei, depois ele trouxe o irmão dele, Cacau<sup>23</sup> no qual faziam uma sequência de meia lua muito bonita, realmente eram homens shows, mas não tocavam berimbau, e eu gravei isso para eles. São Bento pequeno, São Bento médio, São Bento grande, toque de regional de bimbás, para que eles pudessem me perguntar mais a parte do jogo da capoeira e até para que aqueles gaúchos que frequentavam aquele local, aquela boate, que era frequentado por pessoas muito abastadas na época, pudessem ter um conhecimento maior. Não vou te dizer da capoeira que se pratica hoje, sim da capoeira show. E Mestre Índio, foi e depois retornou e colocou um grupo aqui e, nesse período, eu estava me mudando para Santa Catarina, porque eu já tinha saído da academia Kidocan e fui para a Budokan<sup>24</sup>; mas o proprietário da Budokan teve um problema, aí ficou eu e o Maxi Shirushi<sup>25</sup> administrando a academia, mas nós vimos que o problema dele foi muito sério, não vou entrar em detalhes qual foi; nós abandonamos também o barco, quando queima um local quem está dentro tem perigo de se queimar também. Como nós não devemos nada... E eu preferi ficar um tempo com o Paulinho, dando aula. É bem lembrado que o Mestre Nino continuou conosco desde aquela época; ficou comigo depois juntou eu

---

<sup>21</sup> Manoel Olímpio de Souza.

<sup>22</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>23</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>24</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>25</sup> Nome sujeito à confirmação.

e Paulinho. Paulinho foi aluno meu juntamente com Queijinho<sup>26</sup>, nesse período chegou o Cerqueira<sup>27</sup> e o Ferro Velho. O Cerqueira quando veio para cá - fui eu que trouxe ele - e conduzi ele para Pelotas, para a academia de Pelotas, para a filial que tinha lá. Porque Cerqueira e porque Souza<sup>28</sup>? E não Zezinho e não Monsueto ? Porque era uma academia de alto padrão social e não se permitia pseudônimo, apelido. E o apelido na Capoeira é uma forma tradicional de você esconder o seu verdadeiro nome naquela época; então, você tinha um apelido, e se você fizesse uma algazarra e a polícia lhe procurasse, procurava você pelo Monsueto mas não pelo nome de Ananilson... Aí o Monsueto já não estava mais lá, já tinha ido embora, só ficava o Ananilson e ninguém contava quem era o Ananilson, que era o Monsueto. Então, por isso que o capoeirista tinha um apelido. O apelido dentro da capoeira nasceu assim, depois ele nasceu pelo tipo... Ele voltou à tona pelo tipo biofísico do indivíduo, que nem o Ferro Velho, porque ele era muito duro. Quando eu tive outro aluno que era Junta de Aço<sup>29</sup>, não tinha flexibilidade alguma, não tinha um espacate, não tinha abertura lateral, coluna muito rígida, então, você colocava uns apelidos, pseudônimos... E é contra essa formação que cada discípulo seu apresentava no jogo, quebra osso, cara que chutava muito forte, gato uma pessoa que é muito ligeira.... E o Cerqueira permaneceu lá algum tempo, até que ele achou que deveria... Questão de se adaptar, ou financeira ia subir pela cabeça, porque ele era engraxate, e nós adotamos ele de Mestre Sergipe.... E aqui no Sul se pagava muito bem, acho que ele vindo para Porto Alegre, aí ficou lá em casa, ele ganharia mais Nome sujeito à confirmação. Na época vinte salários mínimos, ele fez uma negociação de receber oito salários, lógico que o Chalégui<sup>30</sup> como bom empresário, negócio para ele... Já tinha aberto caminho para todo mundo e o Cerqueira entrou dentro do meio capoeirista de Porto Alegre, mas como diz: Deus não dorme. Se você procurar pelo Cerqueira vai encontrar ele por ai, mas eu nem sei, nem faço questão de encontrar, diz que capoeira é muito madingueiro, mas infelizmente ele não é, capoeira te dá umas cobras [RISOS]. Quem tem tem, quem não tem, não tem... E infelizmente Ferro Velho veio a falecer no estado de Goiânia, por motivos alheios ao meu saber; uns contam uma coisa, outros contam outra. Eu não vou alimentar assuntos de terceiros sem ter a certeza, eu procuro falar, eu provo. Essa entrevista que eu estou

---

<sup>26</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>27</sup> Edson Cerqueira Frias.

<sup>28</sup> Ananilson de Souza, seu nome.

<sup>29</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>30</sup> Nome sujeito à confirmação.

contanto para você, eu te digo que provo porque eu sou assim. Se alguém te questionar, mas o Mestre Monsueto, falou que o fulano isso, isso, isso e isso, se eu não te provar no momento daqui a três meses alguém vai te falar, porque estava nos fatos... Eu passei trinta e cinco anos pro Mestre Burguês dizer, que quem deu lugar para ele fui eu. No ano de 2010 eu me deparei com o livro que eu lhe mostrei aqui agora, só não abri para você, no qual ele dá entrevista dizendo que eu disse isso. Eu passei trinta e cinco anos dizendo que os melhores alunos foram os dele e bam bam bam, porque eu não consigo admitir e nem conviver com a mentira. Portanto, o que eu estou falando aqui não estou tentando denegrir a imagem de alguém, eu só não quero que eles se esqueçam o que eles fizeram no passado, não só comigo, mas com a capoeira e com as outras pessoas. Porque já basta a história do Brasil ser mentirosa, então, não vou permitir que a capoeira que nós estamos hoje aqui voltada para a educação, voltada para a cultura, seja mais um objeto manipulado por terceiros que amanhã venham editar um livro com mentiras; a formação de quem eram os alunos, estou dizendo, quem é que está... [TRECHO INAUDÍVEL]. Daqui a dois dias farei aniversário, farei sessenta anos... Eu, dentro do meu curso, tenho foto de 1971 ao lado do Mestre Leopoldino<sup>31</sup> lá no Rio de Janeiro, assim como eu tenho em 2009 junto com ele, em 2001 junto com ele aqui, estive prestando homenagem próximo em Campinas a ele; então, a gente está sempre andando, apesar que hoje eu estar com três infartos, sendo um deles diferenciado tipo raro letra Q, para quem conhece medicina sabe o que eu estou falando: minha pressão chegou a vinte e seis com quatorze. Mas como a gente é devoto de um homem forte, ele não leva a gente assim... Eu até costume brincar que o de cima não em quer, e nem o debaixo também, então, me deixa aqui na terra porque tem muita coisa para fazer, mas tem muita capoeira ainda. Agora retornando ao Império da Tijuca, a ligação com o meu nome do grupo, que é Casa Grande, que gerou uma vez uma certa polêmica, que me questionaram, Casa Grande por quê? Você está fazendo capoeira elitista? Eu disse não, eu vou lhe contar porque... Se todo império é construído através do quê? Do luxo... Ele tem uma casa grande, se o primeiro grupo era dentro do Império da Tijuca nada mais justo que colocar Casa Grande, porque eu vou colocar terreiro? Quem vive no terreiro é galinha, isso quando é bem negrinho, mas eu tenho uma música de capoeira, que diz assim... A casa é grande seu moço, mas para entrar, bata palma no terreiro para depois poder voltar. Casa Grande, porque eu coloquei em função da própria

---

<sup>31</sup> Nome sujeito à confirmação.

história, é um local para recepcionar amigos, é um local para que amigos vão lá pratiquem a capoeira joguem do jeito que jogar, mas que seja respeitoso, para com ele, a princípio, afinal a casa não é dele a casa é minha e de meus amores, assim como eu não vou na sua casa, eu não vou ficar olhando para a sua mulher, quando você chegar na minha casa, me respeita, meus alunos me dão respeito, senão como eu posso nem respeitar quando eu [PALAVRA INAUDÍVEL] que pode ser maior que a minha, então, é aí que vem o nome Casa Grande. Nós estamos aqui em Viamão, retomamos este trabalho lá em Curitiba, mas devido à infantilidade do profissional que estava lá dando aula, ele não sabia que quem implantou o cordel fui eu, no sul do país, ou seja, no Paraná; que eu vim para a Confederação e ele entrou em choque porque eu troquei pela corda, troquei para a corda pela modernidade e pela praticidade. Você imagina quinhentas pessoas praticando capoeira como aluno seu e você tem que trançar aquelas cordinhas para o dia do evento, vai perder muito tempo você vai deixar de correr atrás de verba, que infelizmente com tantas leis que nós temos, mais de vinte leis que ampara hoje a cultura negra, mas ainda continua aquela burocracia de se escolher, a quem vai ser ajudada, o exemplo está aí, agora caindo o Ministro do Esporte e outros vão cair junto da mesma linhagem porque você não pode pensar que você é o dono do parquinho porque está naquele momento... Aproveita o momento, mas não suba e nem usurpe demais porque alguém não gosta, e normalmente a denúncia bate dentro da própria casa porque não toma leite também. O brasileiro está começando a ficar mais consciente, quando se fala em política; hoje todo mundo precisa de uma política, porque você é político desde que você nasce, a política está na tua vida não adianta você dizer pra mim, que eu não gosta de política, ao fato de você falar que não gosta de política, você já está fazendo política.

E.D. – Verdade...Assim como foi essa história assim que você se tornou Mestre?

M.M. – Como eu me tornei Mestre?

E.D. – É!

M.M. – Muito jovem, porque lá no Rio nós tínhamos um critério diferente. Você é aluno e Mestre na minha época, quem é que se outorgava a mestria, não era o teu Mestre, eram os Mestre mais antigos, que nas rodas que você começa a frequentar como eu te falei

anteriormente, eu não desafiei porque era um Paraíba casca grossa que, quando ele encostava, você já caía só com o peso da perna dele: uma meia lua torta do siri, mas era muito ruim de negócio, ia para a roda de mentirinha, queria da uma meia lua que parecia um helicóptero... O Mestre Touro<sup>32</sup> que era um lutador de luta livre, junto com ele um Dentinho<sup>33</sup> da vida, e vários outros lutadores que faziam outras modalidades junto [TRECHO INAUDÍVEL] e quando um desses que já tinham renome te chamava Mestre, porque aí você já começou, havia começado a adquirir respeito dos mais velhos.

E.D. – Reconhecimento?

M.M. – Reconhecimento, estava no meio deles, já tinha apanhado bastante deles [RISOS] e continuava lá, e já estava fazendo um trabalhinho que era muito pequeno nosso trabalho, era uns dez alunos no máximo. Mas tava fazendo aquele trabalho, levava seus alunos para as rodas, não tinha vergonha de apanhar, de cortar os supercílios, sempre respeitando os mais velhos, eles começaram a me chamar de Mestre, e não foi o meu Mestre que me chamou de Mestre, quem me chamou de Mestre primeiro foi o Luiz Ernesto da Silva, o Mestre de Mentirinha, e daquele diz em diante todos começaram a me chamar de Mestre... Quando eu falo em regulamentação da capoeira que foi realizado em 1972, aí sim, aí ela vem com a parte documental, porque a Confederação Brasileira de Pugilismo abrangia todos os esportes praticamente que tinha entrando no Brasil, só não o vôlei e o judô, até ping-pong tinha um departamento especial, tênis de mesa, tinha um departamento especial. E muita gente se questionou porque o Pugilismo e a capoeira?... Porque eles tinham uma confederação, então, abria-se na lei um departamento especial da modalidade x, 90% de qualquer esporte, passou pela Confederação Brasileira de Pugilismo, menos o judô que já tinha e o vôlei que eram os esportes mais organizados. O restante basquete, tudo...

E.D. – E 1974, quando o senhor chegou, quem eram os capoeirista que já estavam aqui no Rio Grande do Sul. Já se conhecia a capoeira, se sabia?

M.M. – Capoeirista mesmo tinha nenhum.

---

<sup>32</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>33</sup> Nome sujeito à confirmação.

E.D. – Nenhum!

M.M. – Que eu posso dizer que era capoeirista, não tinha nenhum. O Adino<sup>34</sup> era capoeirista, quem mais?

E.D. – Falaram sobre o Mestre Índio?

M.M. – Mestre Índio chegou dois anos depois de mim. Ele que vendeu a história mentirosa, mas não consegue porque os próprios alunos dele, como Mestre Acará<sup>35</sup> foi o primeiro Mestre formado por ele, chegou na casa de [PALAVRA INAUDÍVEL] e falou que ele foi aluno do Mestre Monsueto, de como ele foi aluno do Mestre Monsueto...

E.D. – E a respeito do Mestre de Churrasco<sup>36</sup>, ele falou que foi o Mestre Cal<sup>37</sup>, um dos primeiros da capoeira!

M.M. – O Cal não era Mestre de Capoeira rapaz. Eu conheço o Cal, me dou bem com o Cal até hoje. Ele nunca foi Mestre de capoeira, era um menino que sabia dar uma pernada. Existe uma diferença, como eu lhe falei, em você ir à roda de capoeira e ser respeitado na roda de capoeira, ou pegar numa terra de servo e saber dez movimentos segundo... Eu falo de Cinesiologia, de Fisiologia, sintonia fina, só por isso sou professor de Educação Física? O berimbau eu vou explicar que aí você tira o som, berimbau é sintonia fina, eu te digo que dos grupos de músculos que nós temos no corpo e aí?

E.D. – Como foram as primeiras rodas aqui em Porto Alegre? E onde?

M.M. – As primeiras rodas, como eu comecei no lugar da elite, eu comecei lá no Moinhos de Vento... Depois Paulinho foi para lá, depois o Índio foi para lá e elas foram se espalhando; aí eu fui para esse lugar que eu te falei, o Parque da Marinha. Lá a minha roda ficou consagrada, era minha. Eu sempre gostei de ter uma roda até hoje aqui em

---

<sup>34</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>35</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>36</sup> Jean Batista Cléber Teixeira Santos.

<sup>37</sup> Cal Henry Xavier.

Viamão<sup>38</sup>, por exemplo, uma roda na Casa Grande, nós quase fomos em todas as rodas nem todos participam da nossa, não porque as outras são melhores, talvez eles se acham os melhores. Nós somos só capoeiras, somos capoeirista, os defensores da capoeira; nós procuramos fazer a capoeira seja bem divulgada, estamos procurando acompanhar a modernidade da capoeira educacional voltada para a cultura, junto com os projetos sociais, que diga-se de passagem são muito mal pagos.

E.D. – É verdade!

M.M. – Projeto social, quando você lida com pré-adolescente e adolescente, se ele for feito pelo município ou pelo governo estadual ele precisa de um psicólogo, um pedagogo, um profissional de Educação Física e uma nutricionista. É o mínimo que o Instituto da Criança e do Menor Adolescente pede. Não, ele pega hoje um professor de capoeira, um instrutor, coloca lá num coleginho, num projetinho nome tal, porque esse menino vai se tornar cabo eleitoral no bairro, do prefeito, do vereador, para somatória de lutadores pelas camisetas deles, pelas siglas partidárias, e não pela parte cultural a qual nós ligamos. Então, se você quer resolver o problema do capoeirista, desengaveta aquele projeto que está desde 2002 dentro do Senado e que profissionaliza um Mestre de Capoeira para não acontecer o que está acontecendo comigo hoje. Já tentei por duas vezes me aposentar, estou com três infartos e não consigo. Na nossa época a gente não tinha tempo, ninguém pagava INSS, isso eu passo para os meus alunos, e passo para uma tarefa que é minha, profissionalize, mas sabe o que acontece? Me diz, eu só quero saber uma coisa: por quê a Previdência Social é referência no mundo e porque que no Brasil não funciona? Corrupção, lá fora não existe, e se existe é muito bem feito, mas o espelho da Europa é a nossa Previdência. O brasileiro não sabe disso, não procura ler as coisas, brasileiro é um povo ordeiro e trabalhador, mas infelizmente não vai atrás dos seus direitos, por isso que não nos dão. “Quem não procura os seus direitos não são merecedores deles” diz Carlos Drummond de Andrade. Não, minto: diz Rui Barbosa.

E.D. – O senhor falou agora sobre a questão de não poder se apresentar direito, que me lembra até assim, o que é que o senhor encontrou de dificuldades na sua trajetória de capoeira, quais as maiores dificuldades?

---

<sup>38</sup> Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

M.M. – Você imagina, você sair do nordeste, vamos colocar assim, [PALAVRA INAUDÍVEL] sudeste que é o Rio de Janeiro com costumes diferentes, hábitos diferentes, alimentação diferente, começa por aí. Diz que o carioca é vadio. Não é vadio, carioca é uma pessoa que sabe viver a vida, ele não é um *bom vivant*; ele cumpre com o seu trabalho e quando é a folguinha dele, ele vai para a praia, mas nem todos podem ir à praia; aqueles que podem, que tem tempo e o horário que permite, então eles vão. É questão cultural a praia para o carioca. Alimentação, para mim foi um problema; segundo, o frio. Em Curitiba eu não sabia o que era acolchoado, então, para mim aquele roupão lá era para dormir em cima [RISOS]. É o berimbau para algumas pessoas você tinha que falar... Se você saísse na rua, tinha que falar trinta vezes; eles te paravam na rua para te perguntar o que era aquilo. Uma vez eu falei que era para pegar peixe no rio. Você cansa de escutar uma coisa, porque quando você vai falar você tem que explicar, berimbau é muito vago é muito vazio, não é? Se você me perguntar para mim: Mestre, você falou em Fisiologia, o senhor me falou de Anatomia, o senhor me falou em sintonia fina, o senhor falou para mim em bíceps femoral, o que é isso? Eu vou ter que ter um conhecimento maior para chegar no músculo tal, para te demonstrar, fazer o desenho, a onde que ele segura, onde ele não segura, qual o músculo que passa no meio, qual é que não passa. Assim é uma pergunta muito simples do berimbau, como nasceu o berimbau, da onde veio o berimbau, para que serve o berimbau, os toques de berimbau, aí você perde meia hora em uma coisa, que você tem que ir trabalhar, porque você para ou não para. Mas naquela época nós tínhamos obrigação de parar, hoje você passa com um berimbau, todo mundo sabe o que é um berimbau.... Agora você me perguntar por quê os berimbau de antigamente eram coloridos, é outra história: ali estava a premiação de cada Mestre. A cor do berimbau era a cor que o Mestre adotava para o grupo dele, mesmo que ele não usasse uma camiseta preta e amarela, uma camiseta com detalhe na lapela, mas a cor do berimbau era... Daí veio algumas modificações na capoeira, que nem na Guerra do Paraguai, os capoeiras foram todos para lá, mas aí houve uma modificação, que voltaram todos eles, mas mandaram os capoeiristas para lá para morrer, não foi para defender a pátria [RISOS] e acabou dando que não tinha anda de bobo, eram as maltas de capoeiras, só... Até anos mesmo nos anos 50 era crime ser capoeira, ser capoeirista, quer coisa pior do que isso? O negro sai do seu país é agredido como animal desenvolve um método para que... E se torna criminoso, até 1950.



E.D. – História é recente? Como é que o senhor tava falando sobre a respeito de legendas, de Debret<sup>39</sup>, de eles tratarem erroneamente o Brasil?

M.M. – Eu estou residindo em uma cidade chamada Sombrio em Santa Catarina. Como ela foi emancipada, há cinquenta e três anos atrás, emancipada politicamente, as histórias dos fundadores da cidade estão muito vivas; muito cedo, em momento algum te falam que ela foi colonizada por Açorianos. Meu padraço era português de Trás dos Montes, que eu fui criado desde os quatro anos, e todo mundo sabe, ou aquele que não sabe, vamos tentar explicar, que Açores é um conglomerado de ilhas em Portugal que forma os Açores. Portugal é Portugal, Alentejo é Alentejo, Trás dos Montes é Trás dos Montes, vamos colocar para o Brasil subdividir e colocar as Goiâneas, seriam as Goiâneas lá dos Açores. Na minha cidade eles estão vendendo atualmente a imagem da cidade como Açorianas, mas por quê? É muito simples de você ir na Secretaria de Turismo desenvolver um projeto através de uma ONG de um ponto cultural que o Governo Federal está criando em todo o Brasil; vai ser uma ONG bem feita, um trabalho bom, que você consegue muito subsídio que nem lá está acontecendo, então, estão começando a passar no colégio que a cidade de Sombrio é Açoriana, você não vê uma casa com o desenho típico da Ilha dos Açores. Que é que alguém sabe da história do Brasil a não ser o Rugendas<sup>40</sup> e o Debret que eram pintores. A não ser através dos desenhos deles, nada, um dos Pedros da vida, rasgou a história do Brasil e depois se flagrou que alguém ia perguntar para ele, trouxe os caras para escreverem do jeito que ele queria, se um cara é capaz de rasgar os livros melhores do Brasil ele também é capaz de mandar fazer um desenho do jeito como ele quer, é muito simples isso. Eu te dei um exemplo do que está acontecendo em 2011 e 2010, que estão falando em 1822... O Rio Grande do Sul é um estado que eu respeito, gosto, estou todo mês aqui, hoje posso dizer assim, que eu sou o Mestre que mais vem para o Rio Grande do Sul, que mora fora do Rio Grande do Sul, que mais vem aqui, venho todo mês para cá, todo mês eu estou aqui, com os meus alunos, dia santo, cantando os planas, viajo bastante, dou minhas palestras a gente conversa, troca ideia com pessoas antigas, como Mestre Pinati<sup>41</sup>, Mestre Bladição<sup>42</sup>, são pessoas que tem até mais conhecimento do que eu, nível

---

<sup>39</sup> Jean.Baptiste Debret, pintor francês.

<sup>40</sup> Johann Moritz Rugendas, pintor alemão.

<sup>41</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>42</sup> Nome sujeito à confirmação.

universitário, como é o caso do Bladição, já deu diversos projetos de... Com a capoeira e a Educação Física, então, isso vai nos credenciando a nos mostrar um nova realidade dos capoeirista também; estão vindo com novas ideias, hoje eu sou obrigado a me dirigir primeiramente não mais às autoridades e sim aos pais dos meninos, das crianças, porque você vai em qualquer prézinho, questão de status isso... Uma vez por semana, aí tem profissionais da Educação Física que criam trabalhos em cima de uma coisa que não conhecem. Essa história toda que eu já te contei, isso que eu estou te falando é só do Sul do Brasil, aí você imagina do Norte do Brasil, a região Nordeste do Brasil, ou seja, eu tinha poucos negros que vieram. O negro de Rio Grande, se for olhar, a parte da religiosidade do Sul era diferente do Rio, porque era um... Se você falar em batuque e nação ninguém vai saber o que é que é; se você falar na Bahia também ninguém vai saber, a única que é reconhecida nacionalmente acho que é o candomblé...

E.D. – E senhor sabe ao certo quais as etnias que vieram para cá?

M. M. – Vieram negros de toda parte da África, toda, Angola...

E.D. – Por a religião ser diferente no Sul do resto do Brasil, assim, o que deu origem a essa diferenciação na religião?

M.M. – Devido à localidade de onde vieram, os negros... Eu tenho um relato lá... Está no meu computador até, que quem trouxe para cá a nação foi um príncipe negro, quando era negro, que era príncipe lá na África. Se você quiser depois eu posso lhe passar para você. É só entrar no meu Orkut, que você vai ver lá...

E.D. – Vou!

M.M. – Meu Orkut é aberto, eu tenho fotos lá desde 1971. Ele é um documentário porque onde eu vou [RISOS] eu coloco as fotos lá.

E.D. – Hoje o senhor completa quantos anos de capoeira Mestre?

M.M. – Eu sou ruim de matemática, bom eu não gosto muito de falar de idade [RISOS], quatorze para sessenta...

E. D. – Quatorze para sessenta... Esqueci da pergunta fundamental, o seu nome completo e data de nascimento.

M.M. – Olha, eu nasci dia 09 de novembro no Hospital Pedro Ernesto, em Vila Isabel. Eu sou carioca da gema, carioca malandro com chapéu branco, como eu estou agora. Eu nasci dia 09 de novembro, meu nome é Ananilson.

E. D. – De que ano?

M. M. – De 1951. [RISOS]. Faço sessenta agora, amanhã, não hoje é segunda?

E.D. – Isso!

M. M. – Depois de amanhã. Foram sessenta anos, não vou dizer que foram todos esses anos sofridos, não, eu estaria mentindo. E eu não gosto dessa palavra, mentira. Eu, aqui no Rio Grande do Sul, eu posso dizer que é o lugar que eu melhor percebi, melhor que financeiramente eu vivi, mantenho minhas amizades até hoje aqui no Rio Grande do Sul. Morei muito tempo no centro de Porto Alegre, na rua Duque de Caxias, na rua Lima e Silva, dizendo que era a apresentação do Negrinho do Pastoreio, que era o Palácio do Governo... Enfim, onde nós tínhamos que difundir a capoeira, ou seja, desde o mais alto escalão que é o Palácio do Governo, até dentro da própria Polícia Civil. Então, eu acho que quando alguém quiser falar da capoeira, tiver alguma dúvida, eu não sou o dono da razão, mas o que eu falo é a verdade, vem para mim e pega o meu endereço, o meu telefone, me liga, sou aberto a dar palestra para todo mundo.

E.D. – Então dá para dizer, me corrige se eu estiver errado na minha forma de raciocínio, que diferente dos estados, por exemplo, do Nordeste começou com a classe mais pobre, aqui foi o contrário...

M.M. – Foi!

E. D. – Assim, aqui teve início com a classe mais elitizada.

M.M. – Não só aqui, como no Paraná. Os dois estados que começaram com a elite da capoeira foi Paraná e o Rio Grande do Sul.

E.D. – Interessante esse dado!

M.M. – Não é questão de ser interessante, é que era modismo fazer academia e praticar uma academia antigamente; o mais interessante é que o Rio Grande do Sul foi o estado que mais modalidades esportivas de luta já teve, e com os melhores profissionais. Nós já tivemos aqui dentro ministrando aula, o campeão mundial de caratê, Luiz Tazuke Watanabe, o Maxi Shirushi<sup>43</sup> e o Manquinho<sup>44</sup> que foi um dos melhores alunos na turma que eu já vi na minha vida, entendeste? Então, o Rio Grande do Sul foi privilegiado e é privilegiado, até porque o nível cultural do Rio Grande do Sul é o melhor e maior do Brasil, a coisa que move isso tudo no Rio Grande do Sul, é o orgulho do gaúcho, de ser Rio-grandense... Se a pátria dos nossos vinte sete estados tivesse esse orgulho, o Brasil seria bem melhor porque de um estado não é possível sair quatro, cinco presidentes.

E.D. – Verdade! E havia alguma resistência ou foi bem aceito na sua época quando iniciou a capoeira aqui, teve preconceito alguma coisa?

M.M. – Eu vou lhe fazer uma pergunta em cima da sua pergunta: quem é que não gosta de chimarrão? Quem é que não gosta de um bom churrasco, de picanha de cinco minutos? A rejeição que houve era aquela daqueles falsos capoeiristas quando viram o que era capoeira, porque capoeira era uma luta. Eu dava aula em uma academia de luta, o meu aluno tinha que ser lutador, e eles não eram, porque eles não sabiam capoeira, eles estavam sendo enrolados, quando eles começaram a ver a verdade da capoeira eles trouxeram foi mais alunos, alunos e alunas, isso é muito importante.

E.D. – Eu vejo que o senhor tem que sair agora.

---

<sup>43</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>44</sup> Nome sujeito à confirmação.

M.M. – Não, eu não...

E.D. – Queria corrigir até o que eu falei no início, a data eu dei como Porto Alegre, na verdade estamos em Viamão.

M. M. – Sim, sim...

E.D. – Estamos em Viamão.

M.M. – Eu gostaria de ressaltar que aqui em Viamão existe um núcleo do grupo Casa Grande que foi fundado em 2002, por aí, 2003.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

E.D. – Mestre, para encerrar, o senhor gostaria de falar de um fato marcante, que lhe marcou a sua trajetória e que quisesse expor para a gente?

M.M. – Minha trajetória foi o campeonato de 1982 dentro do estado de São Paulo quando eu estava dando a entrevista para a TVE e, infelizmente, tentei recuperar essa entrevista, mas pegou fogo a TVE na época, na qual com dez cordões de ouro dos nossos alunos daqui que são bem abastados, sendo dois do Paulinho que eram dois cordões muito grossos.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

E.D. – O Rio Grande do Sul foi campeão brasileiro de capoeira, não?

M.M. – O ponto marcante foi a postura da entrevistadora da TVE, eu Mestre Monsueto, segurando orgulhosamente a bandeira e ela falou que o Rio Grande do Sul não tinha tradição com a capoeira; eu disse a capoeira pode ser que não tenha tradição, mas tem campeão e nós viemos para ganhar, e quando terminar o campeonato a senhora volte a me entrevistar, que aí a senhora vai ver se é verdade ou não. Eu embasbacado, chorando, tendo ela vindo falar comigo, e eu não conseguia falar com ela, só conseguia erguer o troféu e as

medalhas que nós ficamos, como um Lino, que é o Lino Amaral do Amaral<sup>45</sup> e 1º lugar no peso pesado e 2º lugar por equipe desbancando o Bahia.

E.D. – O Rio Grande do Sul no caso é tricampeão brasileiro?

M.M. – Não, ele não chegou a ser tricampeão. O atleta Lino Amaral sim, depois em 1984, ele foi para o Paraná e em 1986 ele foi para o Mestre Burguês...

E.D. – Quais foram os anos de títulos?

M.M. – Eu já estava em Santa Catarina, depois eu não... Porque eu introduzi a capoeira esportiva aqui dentro, a minha capoeira era esportiva, era capoeira competitiva, até hoje ela é objetiva. Já desligou?

E.D. – Vou desligar então. Vou encerrando a entrevista com o Mestre Monsueto, queria agradecer muito a sua participação.

M.M. – Beleza!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>45</sup> Nome sujeito à confirmação.